

ENTRE FOLHAS, REZAS E SANGUE: O OOGUN IORUBÁ COMO EPISTEMOLOGIA DE CURA E RESISTÊNCIA

Clodoaldo Matias da Silva¹

Alexandre Figueiredo Pereira²

Janderson Gustavo Soares de Almeida³

Guilherme Pereira Stribel⁴

DOI: 10.26512/revistacalundu.v9i2.59304

Resumo: A pesquisa investiga o Oogun como prática Iorubá que articula dimensões de cura, espiritualidade e resistência cultural, compreendendo-o como epistemologia que ultrapassa fronteiras disciplinares. O objetivo consiste em analisar de que maneira o Oogun integra práticas religiosas, saberes ancestrais e reivindicações políticas, configurando-se como campo de conhecimento e resistência no contexto afro-diaspórico. A metodologia utilizada adota uma abordagem bibliográfica crítica, baseada na antropologia das religiões e nos estudos culturais africanos, privilegiando a análise de narrativas, práticas rituais e produções simbólicas que atravessam a diáspora. O estudo examina as relações entre mito, rito e pedagogia, explorando como o Oogun se consolida como prática educativa, espiritual e política. A análise evidencia que a dimensão terapêutica do Oogun não se restringe à cura do corpo, mas se expande para o fortalecimento de vínculos comunitários e para a legitimação de direitos culturais. A investigação mostra que o Oogun resiste ao apagamento colonial e se afirma como recurso de sobrevivência, atualização identitária e reivindicação epistêmica. A conclusão preliminar indica que a prática deve ser compreendida como forma de diálogo intercultural que amplia a noção de conhecimento e propõe alternativas de reconhecimento frente às hegemonias epistêmicas. Nesse sentido, o Oogun se configura como espaço de interseção entre espiritualidade, pedagogia e política, oferecendo à antropologia instrumentos para a valorização de epistemologias plurais e para o fortalecimento das lutas afro-diaspóricas.

Palavras-chave: Afro-diáspora. Ancestralidade. Cura. Epistemologia. Resistência.

ENTRE HOJAS, ORACIONES Y SANGRE: EL OOGUN YORUBA COMO EPISTEMOLOGÍA DE SANACIÓN Y RESISTENCIA

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: cms.1978@hotmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: alexandrefigper@yahoo.com.br

³ Doutorando em Educação e Cultura pela Universidade Estácio de Sá E-mail: janderson.almeida@semed.manaus.am.gov.br

⁴ Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá PPGE/UNESA. E-mail: pereira.guilherme@estacio.br

Resumen: La investigación analiza el *Oogun* como una práctica yoruba que articula dimensiones de sanación, espiritualidad y resistencia cultural, entendiéndolo como una epistemología que trasciende las fronteras disciplinarias. El objetivo es analizar cómo el *Oogun* integra prácticas religiosas, conocimientos ancestrales y reivindicaciones políticas, configurándose como un campo de conocimiento y resistencia en el contexto afrodiaspórico. La metodología utilizada adopta un enfoque bibliográfico crítico, basado en la antropología de las religiones y los estudios culturales africanos, privilegiando el análisis de narrativas, prácticas rituales y producciones simbólicas que atraviesan la diáspora. El estudio examina las relaciones entre mito, rito y pedagogía, explorando cómo el *Oogun* se consolida como práctica educativa, espiritual y política. El análisis evidencia que la dimensión terapéutica del *Oogun* no se limita a la sanación del cuerpo, sino que se expande al fortalecimiento de los vínculos comunitarios y a la legitimación de los derechos culturales. La investigación muestra que el *Oogun* resiste el borrado colonial y se afirma como recurso de supervivencia, actualización identitaria y reivindicación epistémica. La conclusión preliminar indica que la práctica debe entenderse como una forma de diálogo intercultural que amplía la noción de conocimiento y propone alternativas de reconocimiento frente a las hegemonías epistémicas. En este sentido, el *Oogun* se configura como un espacio de intersección entre espiritualidad, pedagogía y política, ofreciendo a la antropología instrumentos para la valorización de epistemologías plurales y para el fortalecimiento de las luchas afrodiaspóricas.

Palabras clave: Afrodiáspora. Ancestralidad. Curación. Epistemología. Resistencia.

Introdução

O presente trabalho tem como eixo central o estudo do Oogun Iorubá, concebido como prática de medicina-magia-religião que articula dimensões de cura, espiritualidade e resistência cultural. A partir da pergunta norteadora — De que maneira o Oogun pode ser compreendido como epistemologia de cura e resistência, capaz de integrar práticas religiosas, saberes ancestrais e reivindicações políticas no contexto contemporâneo? — Busca-se compreender seus desdobramentos históricos e sociais, sem reduzi-lo a uma prática isolada, mas sim como parte integrante de um complexo sistema de saberes.

Nesse sentido, a investigação se justifica pela necessidade de problematizar a persistente desvalorização de práticas terapêuticas ancestrais frente à hegemonia biomédica e às lógicas coloniais de apagamento cultural. O Oogun, enquanto prática Iorubá, não se limita a um recurso de saúde, mas representa um campo de disputas simbólicas e jurídicas, em que a noção de cura também se converte em ato político. Com isso, o estudo se insere no esforço de valorizar epistemologias africanas e afro-

diaspóricas que resistem, mesmo diante das pressões normativas que buscam deslegitimá-las.

Do ponto de vista social, a relevância da pesquisa está na possibilidade de dar visibilidade a saberes historicamente marginalizados e, ao mesmo tempo, de refletir sobre políticas de saúde interculturais que contemplem práticas tradicionais. No campo acadêmico, a análise propõe contribuir para a renovação do debate sobre epistemologias plurais, sobretudo em diálogo com a antropologia das religiões afro-diaspóricas. Já no plano histórico, evidencia-se a continuidade do Oogun como prática de resistência desde o período colonial até as dinâmicas urbanas contemporâneas, ressaltando sua permanência como herança viva. No âmbito jurídico, emergem discussões sobre direitos culturais e proteção do patrimônio imaterial.

Para sustentar tal abordagem, foi realizado um mapeamento bibliográfico interdisciplinar envolvendo obras clássicas e contemporâneas que tratam das práticas Iorubás, de seus fundamentos cosmológicos e de suas reelaborações na diáspora africana. A análise se estrutura em uma leitura crítica que considera as dimensões simbólicas, políticas e espirituais do Oogun. A metodologia empregada baseia-se em revisão teórica com ênfase na literatura antropológica, histórica e religiosa, permitindo estabelecer pontes interpretativas entre os contextos africano e afro-brasileiro, sem recorrer a simplificações generalistas.

No que diz respeito à organização do estudo, a primeira parte é composta por esta introdução, que apresenta o tema, o questionamento e a justificativa. A segunda parte compreende as seções de fundamentação teórica, divididas em quatro eixos: raízes afrocentricas e epistemologia Iorubá; Oogun, plantas e espiritualidade como terapêutica; resistência cultural e narrativas afro-brasileiras; pedagogia, direitos e interculturalidade. Na sequência, desenvolvem-se as considerações finais, que não pretendem encerrar o debate, mas abrir novas perspectivas. Por fim, as referências reúnem as fontes utilizadas para fundamentar a pesquisa.

Assim, espera-se que este trabalho contribua para o aprofundamento da reflexão sobre epistemologias africanas e afro-diaspóricas, ressaltando o papel do Oogun como prática que articula cura, religião e resistência. A contribuição acadêmica reside em propor um olhar que ultrapassa fronteiras disciplinares e desafia os limites da noção de ciência tradicional, ampliando o debate sobre interculturalidade, patrimônio e justiça epistêmica. Dessa forma, o estudo se inscreve no horizonte de uma antropologia

comprometida com a valorização de saberes ancestrais, reafirmando a potência das culturas africanas e afro-diaspóricas no mundo contemporâneo.

1. Raízes Afrocentradas e Epistemologia Iorubá

O estudo do Oogun, enquanto prática Iorubá que articula cura, espiritualidade e resistência, não pode ser desvinculado da crítica ao paradigma eurocêntrico que moldou a forma de compreender o conhecimento. A proposta de afrocentricidade formulada por Asante (2016) desloca o olhar do centro ocidental e recoloca a África como produtora legítima de epistemologias, enfatizando que o saber Iorubá não é derivado, mas originário. Nesse movimento, a ancestralidade é compreendida como horizonte ontológico, pois sustenta a legitimidade de práticas como o Oogun em sua dimensão integral.

Ao problematizar os efeitos do eurocentrismo, Asante (2022) argumenta que as vozes africanas devem ser entendidas como parte constitutiva da filosofia universal, e não como apêndices periféricos. Essa perspectiva possibilita compreender o Oogun não como curiosidade etnográfica, mas como epistemologia viva, fundada em uma lógica que articula natureza, espiritualidade e política. A centralidade do sujeito africano no processo de conhecimento torna-se, portanto, um ato de resistência frente ao epistemicídio promovido pela modernidade colonial.

Essa concepção encontra ressonância nas reflexões de Diop (2014), ao defender a unidade cultural da África negra como base para compreender os sistemas religiosos e científicos do continente. O Oogun insere-se nesse contexto como prática que materializa a continuidade entre o corpo e o cosmos, onde doença e cura são interpretadas a partir de uma ontologia relacional. Não se trata de um sistema arcaico, mas de um pensamento coerente, capaz de reorganizar o modo como se concebe a vida em sociedade.

A crítica às narrativas coloniais exige uma leitura cuidadosa da produção discursiva sobre as práticas africanas. Nesse ponto, a contribuição de Foucault (2008) é mobilizada para analisar os modos de enunciação que definem o que é aceito como saber válido. Ao refletir sobre a arqueologia dos discursos, percebe-se como a medicina ocidental constituiu-se pela exclusão de outras epistemologias, relegando o Oogun a um

estatuto de superstição. Essa marginalização evidencia a dimensão política que atravessa a produção de conhecimento.

Contudo, não é apenas no plano das ideias que o Oogun se configura como saber autônomo. A pedagogia das encruzilhadas, elaborada por Rufino (2019), aponta para a necessidade de compreender os saberes afro-diaspóricos como múltiplos e atravessados por tensões, deslocando a noção de linearidade. Nesse contexto, o Oogun se apresenta como encruzilhada epistemológica, em que elementos da natureza, da ancestralidade e da resistência dialogam de modo complexo, sem que se possa reduzi-lo a categorias estanques.

A articulação entre afrocentricidade e encruzilhada sugere que o Oogun opera em um campo de tradução intercultural, no qual se cruzam dimensões simbólicas e práticas. Essa tradução, no entanto, não implica assimilação, mas reafirmação de diferenças, tal como argumenta Asante (2016) ao reivindicar a autonomia africana na produção do conhecimento. O Oogun, nesse sentido, carrega uma pedagogia própria, que transmite valores de resistência, espiritualidade e cuidado em contextos marcados pela violência histórica.

É relevante observar que, para Diop (2014), as cosmologias africanas devem ser entendidas como sistemas de pensamento coesos, e não fragmentos desconexos. O Oogun, ao articular o uso de folhas, rezas e sangue, expressa essa coesão, que relaciona o corpo individual ao corpo coletivo. Nessa perspectiva, cura não se reduz à dimensão biológica, mas envolve equilíbrio social e cósmico, produzindo uma forma de conhecimento que resiste à fragmentação típica da racionalidade ocidental.

A reflexão de Foucault (2008) contribui para problematizar como o discurso médico europeu historicamente produziu fronteiras entre ciência e não-ciência, ao passo que o Oogun desafia tais divisões. O campo da medicina ocidental baseia-se na objetificação do corpo, enquanto o Oogun se organiza pela integração entre corpo, espírito e natureza. Essa tensão evidencia que os critérios de validação científica não são universais, mas situados, e reforça a importância da afrocentricidade como método de análise crítica.

Ao destacar a pedagogia das encruzilhadas, Rufino (2019) nos convida a compreender o Oogun como prática que desestabiliza as categorias rígidas do pensamento ocidental. A encruzilhada não é apenas metáfora, mas princípio organizador, em que os saberes se encontram sem perder suas singularidades. O Oogun,

nesse horizonte, aparece como pedagogia de resistência que articula memória ancestral e práticas contemporâneas, construindo possibilidades de cura e cuidado que escapam à lógica da uniformidade.

A reflexão desenvolvida até aqui permite compreender o Oogun como epistemologia situada, elaborada em confronto direto com a hegemonia ocidental. Essa abordagem evidencia que a centralidade africana não se restringe a um exercício de deslocamento teórico, mas configura uma prática viva que atravessa cosmologias, rituais e pedagogias sociais. Ao ser reconhecido como campo de saber, o Oogun se afirma em sua complexidade, integrando memória, espiritualidade e política. Assim, a análise confirma que não se trata de mero objeto de estudo, mas de sistema epistêmico em disputa.

Ainda que essa perspectiva não esgote o tema, ela abre novas possibilidades de investigação sobre a dimensão pedagógica do Oogun e sobre os modos como a afrocentricidade se materializa em práticas de cura. A pedagogia cultural presente no universo Iorubá possibilita compreender como conhecimento e resistência se encontram na experiência comunitária. Nesse sentido, a próxima seção dedica-se a examinar os vínculos entre práticas terapêuticas, espiritualidade e cosmologia, mostrando como o Oogun traduz a afrocentricidade em pedagogia cultural e resistência epistêmica.

2. Oogun, Plantas e Espiritualidade como Terapêutica

O Oogun apresenta-se como um campo complexo onde o elemento vegetal atua como mediador entre corpo, espírito e ancestralidade. Conforme analisa De Jagun (2019), as folhas não se reduzem a insumos medicinais, mas constituem chaves rituais que abrem portais de equilíbrio entre mundos visíveis e invisíveis. Essa concepção rompe com a fragmentação biomédica e insere a saúde em uma lógica relacional, a cura, assim, é entendida como restauração da ordem cósmica e não apenas reparação corporal.

Ao investigar o papel do Ori como divindade, De Jagun (2018) destaca sua centralidade no processo de cura, pois a cabeça não é apenas sede da racionalidade, mas altar de conexão espiritual. Nesse sentido, o Oogun articula ervas, cânticos e oferendas para harmonizar a interioridade com a coletividade. Esse arranjo epistemológico demonstra que doença não é falha orgânica isolada, mas descompasso entre o indivíduo

e sua cosmologia, a terapêutica, portanto, se fundamenta na recomposição das energias vitais.

Além da centralidade do Ori, a literatura ressalta a força simbólica dos benzimentos e das preces. Barros (2010) evidencia como esses gestos ritualísticos operam no plano espiritual, criando redes de proteção e vitalidade. Já Dantas (2023) observa que os benzimentos, ao serem proferidos junto às ervas, ativam sua dimensão energética, potencializando os efeitos de cura. Essa relação entre palavra, gesto e natureza reflete a inseparabilidade entre linguagem e corpo, apontando para um modelo de terapêutica integral.

Torna-se evidente, portanto, que o Oogun não se limita a uma fitoterapia empírica, mas integra camadas de espiritualidade e cosmologia. Ao examinar os fundamentos da medicina herbal, Aniys (2022) apresenta a ideia de que a cura energética não depende apenas de princípios ativos, mas da vibração espiritual que atravessa cada planta. Essa abordagem contemporânea ressoa com saberes Iorubás, pois reconhece a potência vital da natureza como elemento constitutivo do processo de cura.

Nessa direção, a contribuição de Kambeba (2020) é fundamental ao destacar os saberes da floresta como patrimônio coletivo, não apenas de uma comunidade, mas da própria humanidade. O Oogun, ao mobilizar folhas, ressignifica a floresta como farmácia espiritual e política, estabelecendo pontes entre tradição e contemporaneidade. A memória das plantas, inscrita em seus usos ritualísticos, expressa uma pedagogia de cuidado que articula a natureza como sujeito de saber. Assim, saúde e território tornam-se indissociáveis.

Do mesmo modo, a análise de Santos (2020) sobre Òsósí, caçador de alegrias, insere o Oogun em um horizonte mítico em que natureza e espiritualidade se fundem. Òsósí, como guardião da mata, simboliza a conexão entre caça, floresta e cura, ampliando a compreensão do Oogun como prática de mediação. O vínculo entre divindade e erva, nesse caso, não é alegórico, mas estrutural, pois legitima a prática terapêutica na ordem cosmológica Iorubá. A espiritualidade reforça, assim, a dimensão social do cuidado.

É preciso considerar, ademais, que a oralidade desempenha papel decisivo na transmissão desses saberes. De Jagun (2019) observa que o conhecimento das folhas é transmitido por cantos, mitos e narrativas que carregam a experiência ancestral. Essa pedagogia oral sustenta a permanência das práticas, transformando a memória coletiva

em manual de cura. A erva, nesse contexto, não fala sozinha, mas encontra voz na palavra ritual, constituindo um sistema integrado de linguagem e natureza.

Outro ponto de articulação encontra-se no caráter performático da cura. Barros (2010) evidencia que o gesto ritual, ao ser repetido, instaura uma temporalidade própria que desloca o indivíduo de sua condição de sofrimento. Essa temporalidade, por sua vez, está ligada à cosmovisão Iorubá, que não dissocia presente, passado e futuro. Assim, o Oogun emerge como experiência que reorganiza não apenas o corpo, mas também a memória e o destino do sujeito, situando-o em sua ancestralidade.

Nesse horizonte, a floresta descrita por Kambeba (2020) deixa de ser mero espaço físico e passa a constituir território espiritual, onde plantas são sujeitos de agência. A evocação de Òsósi analisada por Santos (2020) reforça que a cura não é somente técnica, mas pacto entre humanos, natureza e divindades. Essa interdependência revela a força do Oogun enquanto prática de resistência, pois reafirma uma ética ecológica e comunitária frente às lógicas de apropriação que desqualificam os saberes ancestrais.

A análise evidencia que o Oogun se sustenta em uma rede de saberes que entrelaça ervas, rezas e espiritualidade, compondo uma terapêutica integral. Essa dimensão material e simbólica não se limita ao corpo físico, mas se projeta em um horizonte cosmológico mais amplo, em que natureza, ancestralidade e comunidade estão profundamente conectadas. Assim, a prática se mostra inseparável de um sistema relacional que estrutura modos de existir e de resistir.

Esse entrelaçamento abre espaço para compreender como o Oogun, além de prática terapêutica, assume relevância como campo de resistência cultural e de afirmação identitária. Sua permanência na diáspora afro-brasileira revela que a cura ultrapassa o domínio biológico e inscreve-se também como memória coletiva e narrativa política. Nesse sentido, a próxima seção se volta à análise do Oogun como prática de resistência que articula religiosidade, cultura e luta social, reafirmando sua centralidade no universo afro-diaspórico.

3. Resistência Cultural e Narrativas Afro-Brasileiras

A permanência do Oogun na diáspora revela a força de uma memória que atravessa gerações, mesmo diante de mecanismos de silenciamento. A cultura popular brasileira demonstra como práticas de origem africana resistem às tentativas de apagamento, articulando símbolos, cantos e ritos. Nesse horizonte, a análise de práticas religiosas permite identificar como identidades coletivas se formam e se reforçam por meio da cura. Araújo (1973) mostra que tais manifestações populares não são marginais, mas expressões de centralidade cultural.

Os processos de iniciação ampliam essa compreensão ao indicar que pertencimento não se constrói apenas pela fé, mas também por vínculos sociais. O Oogun participa dessas dinâmicas ao oferecer práticas que estruturam experiências de comunidade, sustentadas em cosmologias próprias. Vogel et al. (1993) descrevem como a iniciação afro-brasileira fortalece a identidade coletiva, tornando o ritual eixo organizador da vida social. Nesse sentido, as práticas de cura reafirmam a inseparabilidade entre corpo e coletividade.

A dimensão mítica reforça ainda mais a legitimidade dessas práticas, pois as narrativas religiosas não se limitam ao campo simbólico. Elas oferecem fundamento epistemológico que orienta a ação ritual, criando uma lógica própria de validação. Nesse quadro, Prandi (2001a) evidencia como os mitos dos orixás funcionam como matriz de sentido, articulando os elementos da cura a uma cosmologia ordenada. O Oogun se insere nesse universo como prática legitimada pela ancestralidade.

Ao lado das mitologias, emerge a encantaria como espaço de interlocução entre humanos e entidades espirituais. Oogun, nesse contexto, não se apresenta como técnica isolada, mas como parte de uma rede de mediações. A leitura de Prandi (2001b) demonstra que a encantaria brasileira preserva esse vínculo entre natureza e espiritualidade, sustentando modos próprios de organização cultural. Oogun, assim, reafirma-se como elemento de continuidade dentro desse universo de forças encantadas.

O enfrentamento da invisibilização histórica das práticas afro-brasileiras também se torna essencial para compreender o Oogun. O apagamento sistemático de saberes negros insere-se em estratégias coloniais de dominação, que associaram cura tradicional à superstição. Nascimento (1978) denuncia esse processo como genocídio cultural,

destacando que o rechaço das medicinas ancestrais faz parte de um projeto de negação da humanidade negra. Oogun, nesse contexto, resiste como memória em disputa.

As narrativas de resgate cultural, no entanto, apontam para movimentos de recomposição e fortalecimento das tradições. O sistema de Ifá, ao ser retomado como referência, oferece caminhos para reinscrever o Oogun em sua matriz originária. Lopes (2020) reforça essa necessidade de reconexão, evidenciando que Ifá não é apenas técnica oracular, mas pedagogia de resistência. Oogun, quando articulado a esse resgate, reafirma sua legitimidade e amplia sua potência no espaço afro-brasileiro.

A produção literária também atua como campo de resistência e transmissão da memória afrodescendente. Escritas que evocam o cotidiano da diáspora traduzem na palavra as marcas da ancestralidade e da luta por reconhecimento. Evaristo (2024) demonstra como a literatura pode ser veículo de cura, articulando corpo, voz e espiritualidade. A evocação do sagrado, nesse caso, expande os sentidos do Oogun, inserindo-o em uma estética que é igualmente política.

A análise comparada dessas diferentes dimensões revela que o Oogun opera como eixo de articulação entre práticas religiosas, memória histórica e produção cultural. A iniciação, a mitologia e a encantaria, quando pensadas em conjunto, demonstram que a resistência negra não se limita ao espaço ritual. A contribuição de Vogel et al. (1993) e Prandi (2001a; 2001b) reforça a ideia de que o Oogun é parte de um sistema integrado, onde o simbólico e o social se entrelaçam.

Ao reconhecer esse caráter integrado, torna-se possível compreender como o Oogun mobiliza dimensões jurídicas e políticas. A denúncia de Nascimento (1978) mostra que não se trata apenas de defender uma prática espiritual, mas de reivindicar o direito a uma existência plena. A ancestralidade, ao legitimar essas práticas, desafia os limites impostos por uma ordem social que historicamente negou sua validade. Assim, o Oogun se afirma em campos múltiplos de disputa.

Esse percurso evidencia que a resistência cultural afro-brasileira se apoia em práticas que ultrapassam o corpo físico, incorporando narrativas, memórias e linguagens estéticas que afirmam a sobrevivência coletiva. Essa multiplicidade abre espaço para refletir como tais práticas, ao mesmo tempo pedagógicas e jurídicas, sustentam diálogos interculturais que fortalecem a legitimidade dos saberes ancestrais. É justamente nessa direção que se orienta a próxima seção, dedicada a explorar sua dimensão educativa, normativa e de mediação entre tradições.

4. Pedagogia, Direitos e Interculturalidade

A leitura do Oogun no contexto afro-brasileiro permite compreender sua função educativa como prática de transmissão de saberes ancestrais. Essa dimensão se manifesta no interior das comunidades, onde a ritualidade se torna pedagógica ao articular corpo, palavra e natureza. A pedagogia de terreiro descrita por Silva (2025) mostra que o Oogun não é apenas um recurso espiritual, mas um espaço de formação em diversidade cultural, esse processo assegura a continuidade de valores e memórias.

Nesse horizonte, o Oogun se revela também como epistemologia de resistência diante de processos de silenciamento e exclusão. Ao se constituir como prática educativa, ele atua na formação de sujeitos coletivos que reconhecem a ancestralidade como fundamento. O diálogo de saberes proposto por Silva et al. (2024) indica que práticas tradicionais podem estabelecer pontes com a ciência acadêmica, sem que uma invalide a outra, essa interlocução legitima conhecimentos historicamente marginalizados.

A pedagogia da cura, quando observada nos ritos do Oogun, associa ervas, rezas e gestos a uma ética de cuidado compartilhado. Barros (2010) evidencia como o ato de benzer funciona como prática de ensino, em que o gesto ritual é também transmissão de valores comunitários. Dantas (2023), ao tratar das ervas e benzimentos, reforça que a aprendizagem se dá pela experiência, conectando o domínio espiritual com a prática cotidiana, assim, ensino e cura caminham juntos.

Ao articular pedagogia e espiritualidade, o Oogun também tensiona o campo jurídico. O reconhecimento de saberes tradicionais no âmbito do direito cultural permanece um desafio frente às normatividades ocidentais. A crítica formulada por Nascimento (1978) aponta que negar validade a essas práticas equivale a prolongar o genocídio cultural contra populações negras. Dessa forma, a defesa jurídica do Oogun é igualmente defesa de direitos humanos, vinculada à memória coletiva.

Essa vinculação entre prática pedagógica e luta política se expressa na ritualidade, mas também em sua função comunitária. O Oogun opera como lugar de elaboração identitária, em que ensino, espiritualidade e resistência se entrelaçam. Silva (2025) descreve como a pedagogia de terreiro cria alternativas educativas frente às limitações do ensino formal, revelando caminhos de valorização da diversidade. O

espaço ritual, assim, torna-se ambiente de aprendizagem social.

Ainda nesse campo, a mitologia dos orixás estudada por Prandi (2001a) sustenta uma pedagogia simbólica que fundamenta o Oogun. O mito não se reduz a narrativa, mas funciona como base normativa que organiza as práticas de cura e de ensino. A autoridade pedagógica, portanto, não se encontra em documentos escritos, mas na oralidade e na ritualização. Essa configuração mostra que o conhecimento se legitima pela ancestralidade e pela coletividade que o compartilha.

A articulação entre ciência e saber tradicional abre espaço para pensar a interculturalidade como prática política. O diálogo de saberes proposto por Silva et al. (2024) demonstra que a integração entre diferentes matrizes não implica hierarquização, mas reconhecimento mútuo. Nesse sentido, o Oogun emerge como prática que reconfigura fronteiras entre epistemologias. A experiência intercultural, portanto, fortalece a legitimidade de conhecimentos que resistem ao apagamento.

A espiritualidade, nesse cenário, não se opõe à educação, mas a constitui como processo formativo. As práticas de cura, quando transmitidas em contextos comunitários, operam como pedagogias que valorizam a diversidade. Barros (2010) e Dantas (2023) apontam que a força pedagógica do Oogun está na experiência compartilhada, em que saber e fazer se entrelaçam. Esse entrelaçamento configura uma ética do cuidado, essencial para pensar direitos coletivos.

Nesse mesmo horizonte, a crítica de Nascimento (1978) ressoa ao mostrar que a luta pelo reconhecimento jurídico dos saberes afrodescendentes é também luta pela sobrevivência cultural. O direito à prática do Oogun não se limita ao campo religioso, mas se estende às políticas de educação e cultura. A negação dessas práticas perpetua desigualdades estruturais, enquanto sua valorização abre espaço para a democratização do conhecimento, assim, política e pedagogia se encontram.

Diante desse percurso, torna-se possível compreender o Oogun como epistemologia de cura e resistência capaz de integrar práticas religiosas, saberes ancestrais e reivindicações políticas. Ele atua como pedagogia de terreiro, como fundamento jurídico de direitos culturais e como prática intercultural de legitimação do saber. Ao articular memória, espiritualidade e luta política, o Oogun reafirma sua centralidade no campo afro-brasileiro. Esse movimento responde à questão proposta, evidenciando sua potência enquanto prática de conhecimento e de resistência.

Considerações Finais

A análise empreendida permitiu identificar o Oogun como prática que articula cura, espiritualidade e resistência, consolidando-se como epistemologia singular no contexto afro-diaspórico. Os resultados alcançados confirmam a hipótese de que essas práticas não podem ser compreendidas como simples expressão ritual, mas como sistema complexo de produção de saber. Nesse sentido, o Oogun emerge como experiência que reorganiza dimensões sociais, políticas e culturais, deslocando leituras reducionistas.

Os resultados também evidenciam que a questão proposta foi respondida de forma crítica, demonstrando que o Oogun integra práticas religiosas, saberes ancestrais e reivindicações políticas em um mesmo campo de ação. A investigação mostrou que tais práticas não se restringem à esfera do sagrado, mas operam igualmente como pedagogias sociais e mecanismos de resistência. Desse modo, a hipótese foi confirmada na medida em que o Oogun se apresentou como saber de caráter integral e dinâmico.

No plano teórico, os achados contribuem para ampliar o debate sobre epistemologias africanas e afro-diaspóricas, reforçando a necessidade de deslocar a centralidade de paradigmas ocidentais. O Oogun, ao articular natureza, corpo e espiritualidade, oferece parâmetros de análise que desafiam categorias estabelecidas, propondo novas formas de pensar o conhecimento. Essa contribuição amplia a compreensão da diversidade epistêmica e fortalece o campo da antropologia crítica.

Em termos práticos, os resultados evidenciam que o Oogun tem relevância social e cultural ao legitimar formas de cuidado que resistem à desqualificação histórica. Essas práticas operam como recursos pedagógicos, jurídicos e políticos, atuando na valorização da diversidade e no reconhecimento de direitos coletivos. A implicação direta desse achado está na possibilidade de construção de políticas que reconheçam a legitimidade das tradições afro-brasileiras como patrimônio vivo.

As reflexões desenvolvidas também indicam que o Oogun deve ser compreendido como prática de diálogo intercultural, capaz de estabelecer conexões com outros sistemas de saber. Essa abertura contribui para fortalecer o debate sobre justiça epistêmica, ampliando as fronteiras do campo acadêmico. Ao mesmo tempo, reafirma a importância de abordagens que valorizem a oralidade, a memória e a ancestralidade como fontes legítimas de conhecimento.

Por fim, a investigação aponta para a necessidade de novos estudos que aprofundem a compreensão das práticas de cura em sua interface com as dimensões políticas e pedagógicas. O Oogun, como campo de saber em movimento, permanece aberto a interpretações e reelaborações que enriquecem o debate antropológico. Assim, a pesquisa contribui não apenas para consolidar a importância dessas práticas, mas também para inspirar futuras investigações comprometidas com a valorização da diversidade epistêmica.

Referências Bibliográficas

- ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia*. Ensaios Filosóficos, 2016.
- ASANTE, Molefi Kete. *Os Filósofos Egípcios – Vozes Ancestrais Africanas: De Imhotep a Akhenaten*. Editora Ananse, 2022.
- ANIYS, Aqiyl. *Medicina Herbal Alcalina: Revisão de doenças e recuperação da energia do organismo*. Diaspora Africana: Editora Filhos da África, 2022.
- ARAÚJO, A. M. *Cultura popular brasileira*. São Paulo: Melhoramento, 1973.
- BARROS, Jose Flávio Pessoa de. *Na minha casa: preces aos orixás e ancestrais*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- DANTAS, Fábio. *Ervas e Benzimentos*. Editora Academia. São Paulo, 2023.
- DE JAGUN, Márcio. *Ewé: a chave do portal: o conceito de saúde e doença conforme a filosofia ioruba, a ritualística do equilíbrio físico e espiritual através do elemento vegetal*. Rio de Janeiro. Litteris Editora. 2019.
- DE JAGUN, Márcio. *Ori: a cabeça como divindade: história, cultura, filosofia e religiosidade africana*. Editora Litteris, 2018.
- DIOP, Cheikh Anta. *A unidade cultural da África negra. Esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica*. Luanda, Angola: Edições Mulemba; Ramada, Portugal: Edições Pedagogo, 2014.
- EVARISTO, Conceição. *Macabéa Flor de Mulungu*. Oficina Raquel, 2024.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. *Saberes da floresta*. Editora Jandaíra, 2020.
- LOPES, Nei. *Ifá Lucumí: o resgate da tradição*. Pallas Editora, 2020.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Editora Paz e Terra S/A, 1978.
- PRANDI, Reginaldo. *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. 2001.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Mórula editorial, 2019.
- SANTOS, Maria Stella de Azevedo. *Òsòsi: O caçador de alegrias*. Rio de Janeiro: 117 Autorale. 2020.
- SILVA, Clodoaldo Matias da et al. “Dialogue of knowledges: the importance of the partnership between scientists and indigenous peoples for the preservation of traditional knowledge”. *Revista Delos*, v. 17, 53), e1368. 2024.

SILVA, Clodoaldo Matias da. “Pedagogia de terreiro: práticas educativas para superação do preconceito e valorização da diversidade cultural”. In: SILVA, Clodoaldo Matias da. *Educação em conflito: disputas sociopolíticas, resistência epistêmica e lutas por direitos, diversidade e democracia nas práticas escolares contemporâneas*. Londres: Nova Edições Acadêmicas, 2025.

VOGEL, Arno et al. *A galinha-d'angola: iniciação e identidade na cultura afrobrasileira*. Série raízes, v. 3, Rio de Janeiro, Editora Pallas. 1993.

Recebido em: 16-08-2025

Aprovado em: 25-09-2025